

O ORIENTE-MÉDIO

ESTUDO SUMÁRIO DO SEU SIGNIFICADO NA CONJUNTURA INTERNACIONAL

Major JOSÉ DE SA MARTINS
Oficial de EM

O Oriente-Médio é uma área que, em termos de distância, está relativamente afastada do Brasil. No entanto, lá está uma tropa brasileira — o Batalhão Suez — operando sob a bandeira das Nações Unidas, em benefício não só da paz local como também mundial.

A afirmativa referente à paz mundial justifica-se pela compreensão de que a questão entre árabes e judeus, que levou nossos soldados a Gaza, transcende de muito os limites da área.

Não é entretanto ela o único problema de interesse internacional existente no Oriente-Médio. Outros existem que, embora na aparência dêem impressão de interesse apenas local, são de tal ordem e sofrem tais influências que as suas causas ou conseqüências dificilmente deixam de interessar ou mesmo afetar todo o mundo.

As questões do Congo, Laos, Vietnam do Sul e outras, podem ficar circunscritas às áreas desses países, e apenas dar margem a ameaças e troca de insultos entre as Grandes Potências; mas, como Berlim, o Oriente-Médio, o que ali possa ocorrer, tem significado especial.

A razão disso é que nessa área concorrem fatores que no presente, como no passado, e sem dúvida no futuro, são de importância para quase todas as nações, especialmente para aquelas que têm decisiva influência nos destinos da humanidade. Essa característica coloca o Oriente-Médio como uma das áreas de maior significado estratégico do mundo.

•
• •

Existem várias opiniões a respeito da área que deve ser considerada como Oriente-Médio; a idéia mais aceita é a de que engloba: Turquia, Irã, Iraque, Síria, Líbano, Chipre, Israel, Jordânia, Kuwait, Arábia Saudita, Yemen, Egito (RAU) e Protetorados Britânicos da península arábica. Ela tem grande superfície, e compreende a região de Levante ou Oriente-Próximo.

•
• •

Petróleo, o Canal de Suez (ligação entre os mares Mediterrâneo e Vermelho) e os Estreitos (ligação entre os mares Mediterrâneo e Negro), são fatores básicos da importância do Oriente-Médio. A eles se soma a posição geográfica, que torna a área ponto de união dos continentes europeu, asiático e africano.

O lençol petrolífero do Oriente-Médio é dos maiores e melhores do mundo. Ele atende ao grosso do consumo dos mercados ocidentais, e a sua exploração está praticamente nas mãos de Companhias européias e norte-americanas.

Uma interrupção no recebimento desse Petróleo afeta a economia e potencial militar das nações do Ocidente. Por isso, elas estão sempre atentas e agindo no sentido de que isso não ocorra, enquanto que o mundo que lhes está em oposição, o comunista, trabalha com afinco para que tal se verifique, ou melhor, para negar ao Ocidente a utilização, pelo menos com facilidade, desses recursos petrolíferos.

Por outro lado, as nações produtoras, recentemente despertadas para a consciência da riqueza que possuem, aspiram a dela tirar proveito total, libertando-se por completo das concessões que cederam. A dificuldade para tal reside na incapacidade que ainda têm para a exploração, e na quase impossibilidade de efetuarem a distribuição nos mercados consumidores, os quais estão sob cerrado controle daquelas companhias. A esses problemas há de se somar ainda a interferência dos países-sedes das mesmas, os quais preferem ter, através delas, ingerência direta na fonte de produção daquilo que lhes é tão importante.

A experiência de Mossadegh, nacionalizando o Petróleo do Irã, é interessante de ser relembrada. Entre os iranianos havia pouco pessoal especializado para acionar a extração e o refino; os mercados consumidores voltaram-se para outros produtores do Oriente-Médio, recusando-se a negócios com a Companhia formada por Mossadegh. E o Irã enfrentou terrível crise econômica, que jogou por terra, com uma revolução, o líder que tanto empolgou o seu povo.

*
* * *

Suez aproximou o Ocidente do Oriente, e tornou mais fácil a roçada de recursos, e forças militares, de um hemisfério para outro. É por aí que circula a maior parte do Petróleo que vem para o Ocidente com proveniência da área. Por essas razões esse canal é de grande importância tanto para as nações ocidentais como para as comunistas.

Um acordo internacional regula a navegação pelo mesmo, mas o Egito (RAU), cujas terras ele corta, tem nas suas mãos o seu controle.

Em 1956, a nacionalização pelo CAIRO da Companhia do Canal de Suez, e as medidas restritivas à circulação por ele, que se seguiram àquele ato, provocaram ataque militar franco-britânico ao Egito, simultaneamente com a invasão da península de SINAI por ISRAEL, ação esta explicada como daquela dissociada, e somente ditada por uma necessidade defensiva do Estado de David, vítima de freqüentes incursões de forças irregulares do Cairo sobre seu território.

O que se vê é que aquele canal leva a atitudes extremas, e tal bem se compreende pela sua associação a Petróleo.

O Egito já impede a circulação por Suez de tudo que tem ligação com Israel; o navio que aí tentar passar, qualquer que seja a sua bandeira, com carga para ou de procedência daquela nação, a tem sumariamente apreendida. Agora já se anuncia que Nasser impedirá a navegação pelo canal, de barcos holandeses que levem recursos para a Holanda fazer face às pretensões da Indonésia sobre a Nova Guiné Ocidental.



Os Estreitos, a linha de água Dardanelos — Mar de Mármara — Bósforo, tem sido a razão de várias guerras. A Rússia desde o século XVII voltou decididamente as suas vistas sobre eles, como via de acesso a ter em seu poder para garantir a sua expansão pelo mundo. A razão é ser o Negro o único mar a banhar litoral de Moscou que não gela durante o inverno, e ter êle apenas uma saída, a dos Estreitos. Só através dêles, em qualquer época do ano, podem os navios russos ganhar as "águas quentes" do Mediterrâneo, e se espriar pelo mundo. Sòmente passando por aquela linha de água poderá uma força militar de Moscou atuar no flanco meridional do continente europeu.

Mas, parà a Rússia dos Czares, como para a URSS de Kruschev, o sentido expansionista do Kremlin esbarra na posição geográfica da Turquia, cujo sentimento de independência é forte, e não admite a menor perda ou divisão de soberania sobre qualquer parte do seu território e águas. Por isso, os turcos por várias vezes foram à guerra contra os russos, repelindo tôdas as tentativas moscovitas para dominar as terras que controlam os Estreitos, ou para nêles de qualquer modo ter interferência. Quando, após a 2ª guerra mundial, Stalin reivindicou a incorporação à URSS de Províncias do Este da Turquia, e participação direta no contrôle dos Estreitos, Ancara filiou-se decididamente ao bloco de nações que se opunham ao comunismo, entrou para a OTAN, e patrocinou a formação do Pacto de Bagdad, hoje denominado CENTO (Central Treaty Organization).

É evidente que, hoje e no futuro, assim como no passado, os países em oposição a Moscou têm interêsse em lhe negar livre acesso ao Mediterrâneo, e agora, mais do que nunca, em dispor de bases que possibilitem ameaça direta ao flanco SUL soviético.

A Convenção de Montreux regula a navegação pelos Estreitos, com total apoio à soberania turca. A URSS freqüentemente dela procura obter revisão, com o que não concordam as nações que a assinaram, nações ocidentais, e muito menos a Turquia.



O Oriente-Médio sempre atraiu as atenções de nações com desígnios expansionistas.

O testamento político de Pedro, o Grande, Czar de Tódas as Rússias, rezava: "Sigam na direção de Constantinopla e da Índia. Quem as dominar governará o mundo. Façam guerra permanente à Turquia e em segundo lugar à Pérsia."

O Império Alemão buscou pelo menos colocar a área na sua zona de influência. Conquistou a amizade do Império Otomano, que então a dominava quase totalmente, e, através da ferrovia Berlim-Bagdá, levou ao seu coração o prestígio germânico.

Já de antes a Grã-Bretanha aborudara o Oriente-Médio, via Egito e Gólfio Pérsico, e nêle se infiltrava, empurrando os otomanos para o interior.

O Petróleo deu decisivo impulso aos interêsses sôbre a área.

O fim da 1ª guerra mundial provocou corrida dos vencedores europeus sôbre os domínios dos Sultões. Londres e Paris conquistaram Mandatos da Liga das Nações, e o mundo árabe ficou entre elas dividido.

A Alemanha de Hitler colocou o Oriente-Médio na lista dos objetivos a conquistar. A neutralidade turca, que respeitou na consideração ao aliado de 1914-18, levou-a a manobrar pelo Norte da África.

A competição que se estabeleceu entre a URSS e as Potências Ocidentais, após 1945, foi desde logo levada à área.

*
* * *

Vale aqui inserir rápida consideração sôbre os povos do Oriente-Médio, apreciação sôbre o temperamento dos mesmos, o que talvez explique a sua atual situação, e a quase passividade que alguns dêles guardaram por séculos, facilitando as pressões e domínio sôbre eles de outros povos.

Mas há que fazer um parêntesis a respeito dos turcos, que, embora tenham muita semelhança com seus vizinhos da área, sempre tiveram mais sentimento de independência e acentuado orgulho nacional. Por isso fundaram um Império, que pela opulência e amor à glória se enfraqueceu, e por fôrça de pressões foi dissolvido.

É óbvio estarem fora de análise os judeus de Israel, por provirem na sua grande maioria de regiões externas à área, tendo nelas sofrido influências outras e absorvido culturas que ainda nos dias de hoje pouco atingiram a maior parte do Oriente-Médio.

Os povos da área, de índole mística, contemplativos e fatalistas, são extraordinariamente apegados a tradições e costumes, e em geral dominados por forte espírito de religiosidade.

É bom lembrar que a área é berço de três grandes religiões: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Esse pormenor tanto pode ser a causa como a consequência do comportamento dos povos do Oriente-Médio.

Essas características fazem com que normalmente se acomodem às situações, amem os líderes, ou quem cuide dos seus problemas e os exima

das responsabilidades. Embora pareça paradoxal, têm ambições, mas isso em termos que lhes são muito próprios, sem que a realização dos seus interesses demande muito esforço e luta.

Em geral desconfiados com o que vem do homem, sobretudo dos estranhos à área, são no entanto dóceis, influenciáveis e cativáveis, se tratados com naturalidade e igualdade. Mas aquele espírito de desconfiança, associado a um nítido complexo de inferioridade, que sem dúvida se desenvolveu com a longa vida de subjugação e de pressões, muitas vezes provoca contradições de conduta, atitudes incoerentes, explosões de temperamento.

O nível da grande massa, extremamente baixo, muita influência também tem.

Nos dias que correm se verifica uma transformação, revela-se uma consciência de independência, de compreensão de possibilidades, essa quase sempre em termos exagerados, o que é explicável pelo referido complexo ligado às outras características. Há desejo de mudança, de afirmação, de projeção.

Essas modificações já têm provocado crises, e ainda muitos problemas poderão criar com reflexos mundiais.

*
*
*

Quando o clima de guerra-fria se instalou, os soviéticos já atuavam no Oriente-Médio, ali procurando ganhar posição. Grandes armas estavam concedidas a Moscou para obtenção de êxito. O atraso da área era grande, e os seus povos, quase todos naqueles dias tornados independentes, alimentavam fortes ressentimentos contra as nações que os tinham dominado, tôdas pertencentes ao mundo ocidental. Eram elas acusadas da expoliação das riquezas da área, e de nada terem feito em prol do progresso dos seus reais proprietários. Também eram apontadas como procurando guardar posição de interferência por certas cláusulas dos instrumentos de emancipação, de concessões obtidas, pela divisão de Estados feita, e pelos homens a que entregaram o poder.

Muito de verdade existe nessas acusações, deve-se reconhecer. Mas, em defesa dos acusados, no tocante à procura de uma situação de influência — em muitos casos mais do que desejo de interferência — alguns pontos devem ser considerados. Em primeiro lugar, essa é uma conduta normal de tôdas as nações, sobretudo daquelas que têm ou aspiram posição de relêvo no cenário mundial, e bem justificável em se tratando de área estratégica. Afinal, a URSS aí também lutava por isso. Depois, as novas nações, sem experiência de vida autônoma, e com mil problemas a enfrentar pelas suas condições de subdesenvolvimento, acabariam, se deixadas à própria sorte, por mergulhar num clima muito favorável ao comunismo, então já em franco processo de expansão pelo mundo, enfrentando em plano de igualdade às Democracias.

Mas a questão é que nenhuma nação, sobretudo aquelas que acabam de conquistar condição de independente, gosta de ser considerada como

incapaz de cuidar dos seus destinos, e de que algum outro povo nêle influa, ou ainda pense em lhe dar proteção sem que para tal tenha sido solicitado.

Assim o mundo não-comunista, por seus pecados, é bom insistir, sentiu de repente a possibilidade de grande parte do Oriente-Médio contra êle se voltar de modo ostensivo e decidido. Moscou rejubilava, e por instantes chegou a pensar, sem dúvida, que o espírito religioso dos povos do Oriente-Médio e a inércia de que são possuídos, não afetariam o plano de conquista imediata da área para sua órbita. Mas êsses fatores conspiraram contra o Kremlin, que abandonou sua idéia de rápida comunicação de grande parte do Oriente-Médio, pois isso iria exigir sua interferência direta, e o seu jôgo imperialista estaria desnascarado, com o ônus conseqüente ditado pelo espírito do antiimperialismo que êle mesmo ajudara a insuflar na área.

Evoluíram assim os soviéticos para a conquista de posições de influência, como um primeiro estágio, no que tiveram êxito inicialmente junto a Damasco, depois no Cairo e posteriormente em Bagdá. Com isso vai Moscou, lenta mas seguramente, interferindo em melhores condições no Oriente-Médio, e aí assegurando pontos de apoio necessários à sua irradiação pela área e, penetração no continente negro. As ajudas financeira, cultural, técnica e militar que concede aos "neutralistas" Egito e Iraque, vão proporcionando à URSS bases para difusão da sua propaganda pelo Oriente-Médio, e até mesmo facilidades de valor militar para uma eventualidade, quando, certamente, as procurarão usar, com ou sem assentimento dos Governos locais.

A pressão soviética nos países da área é constante e se efetua por via da propaganda, do apoio às oposições, quando é o caso, e das intrigas diplomáticas.

O Irã é um dos seus grandes alvos, já que as condições dêsse país em muito ajudam a propagação da doutrina comunista, ou pelo menos são interpretadas como sugerindo a necessidade de derrubada do atual Governo, o que poderá conduzir Teerã a uma mudança na orientação da Política Externa.

A Turquia, como o Irã, sofre forte pressão radiofônica de emissoras situadas atrás da Cortina de Ferro, e também diretamente de Moscou, através de Notas diplomáticas contendo reivindicações, ameaças ou, ainda, tentadoras ofertas... sob condições, naturalmente. Mas para Ancara a influência dessa ação soviética é muito relativa, pois os turcos antes de serem anticomunistas são decididamente anti-russos, pela experiência que têm de lutas continuadas para se defenderem das pretensões moscovitas sôbre seus domínios.

O Ocidente para fazer face, de modo seguro, ao trabalho da URSS para penetração no Oriente-Médio concebeu para a área um sistema defensivo a exemplo da OTAN. Mas, a animosidade que os árabes votam aos antigos colonizadores, que apareceram à testa dêsse movimento, fêz com que o repúdio ao mesmo fôsse quase generalizado por parte dêles

A Turquia, já então membro da OTAN, patrocinou a causa democrática no Oriente-Médio, e conseguiu a já referida formação do Pacto de Bagdá, que incluía um país árabe, o Iraque. Mas, após a sangrenta implantação da República no mesmo, Bagdá desligou-se do Pacto que tinha o seu nome, o qual passou a denominar-se CENTO, conservando-se uma organização de defesa contra a expansão comunista, contando com a Turquia, Irã, Paquistão e Grã-Bretanha, como membros.

O CENTO conta com decidida oposição do Egito e do Iraque do General Kasim, e sofre campanha, como é natural, da URSS e seus satélites.

Em verdade, êle tem mais valor econômico e ideológico, já que as distâncias entre seus integrantes, e as condições topográficas e da rede de comunicações da área, não lhe asseguram boas possibilidades de agir coeso e centralizado como organização militar.

Os Estados Unidos da América do Norte, que em realidade “descobriram” o Oriente-Médio durante a 2ª guerra mundial, a êle dedicam extremo interesse, sobretudo por força da sua posição de nação-líder do mundo democrático. Washington, que muito se interessa em barrar a penetração soviética na área, não é membro efetivo do CENTO. A idéia é não se colocar em frontal antagonismo com o mundo árabe, uma vez que é, praticamente, a única nação do bloco ocidental a manter com êle um equilíbrio de relações, apesar de algumas dificuldades que entre ambos por vêzes ocorrem.

Através de acordos bilaterais, os EUA estão ligados econômica, técnica, cultural e militarmente, à Turquia, Irã e Paquistão, o que afinal põe os norte-americanos em contato direto com a Organização do Tratado Central, que por isso mesmo os têm presentes a tôdas as suas deliberações e realizações.

Quando da crise de Suez, em 1956, os EUA declararam que a Grã-Bretanha e França tinham perdido prestígio na área, e um “vácuo de poder” nela se estabelecera, expressão aliás que irritou os líderes árabes, notadamente Nasser. Para preencher essa lacuna, Washington anunciou o que denominou uma Doutrina que passaria a seguir em relação ao Oriente-Médio, à qual tomou o nome de “Doutrina Eisenhower”. Por ela os EUA “se comprometiam a auxiliar o desenvolvimento econômico de qualquer país da área, e a prestar efetiva assistência militar àquele que tal solicitasse com finalidade de enfrentar ameaça do comunismo internacional”. A 15 de julho de 1958, forças norte-americanas desembarcaram no litoral do Líbano, atendendo a apêlo do Presidente daquele país, que, a braços com terrível revolução, disso responsabilizava o comunismo e... o nasserismo. Na mesma oportunidade, pára-quedaistas britânicos desciam em Aman por solicitação do Governo da Jordânia, que admitia a possibilidade de extensão ao país da revolução ocorrida no Iraque (14 julho 58).

A Doutrina Eisenhower nada tem a ver com os auxílios dos EUA à Turquia e Irã, pois o início desses tem datas bem anteriores.

A existência de Israel é uma das razões do afastamento do povo árabe das nações ocidentais. Diz êle que a criação do Estado de David é parte do plano dos antigos colonizadores para permanecerem na área. A URSS, embora tenha sido a terceira nação a reconhecer o Estado por cuja existência votou afirmativamente, vem explorando essa idéia árabe de modo discreto, pelo que ela representa contra seus opositores.

A questão entre árabes e judeus não apresenta perspectivas de solução a curto prazo. O estado-de-guerra ainda existe entre os dois blocos; a situação de armistício presente pode ser rompida a qualquer momento. Nasser, particularmente, muito explora a questão na sua luta pela liderança dos povos da sua raça. Israel, por seu turno, não está satisfeito com o traçado da sua linha de fronteiras, nem a do armistício nem a aprovada pela ONU, organismo que Jerusalém de certo modo menospreza. O desenvolvimento desse país é causa de irritação para os árabes, que sentem, à proporção que Israel progride, diminuir as suas possibilidades de "jogar os judeus ao mar".

* * *

O conflito árabe versus israelenses é a grande questão do Oriente-Médio, o que não implica em dizer que não existam outras que a qualquer momento possam explodir.

As pretensões da Síria sobre a Província turca de Hatay, podem, a qualquer momento, fazer a Turquia mais uma vez cerrar suas aguerriadas e bem preparadas tropas sobre a fronteira síria. E os soviéticos têm interesse no assunto, pois em Hatay, na cidade de Iskenderum, está uma base naval da OTAN, e daí parte estrada estratégica que atinge a fronteira turco-russa.

A intenção de Bagdá de incorporar ao Iraque o Emirato de Kuwait, que recentemente recebeu sua independência, é assunto do momento, embora a idéia seja antiga. Fôrças britânicas estão prontas para voltar ao antigo Protetorado e impedir que o Petróleo do mesmo caia em poder de mãos que amanhã poderão ser bem hostis.

As reivindicações iraquenses sobre águas e terras do Shatt-El-Arab do lado do Irã, por diversas vezes, nos últimos dois anos, já fez Teerã cerrar tropas sobre essa área. O problema preocupa o Ocidente, pois, além dos seus pactos militares com o Irã, na região está a grande refinaria de Abadan.

Chipre, conquanto em relativa calma após sua independência, tem, na rivalidade entre gregos e turcos que formam sua população, suficiente material explosivo para voltar ao cartaz. E ali estão bases aérea e naval da Grã-Bretanha.

O nacionalismo árabe está em tôda área desse povo; pode provocar crises a qualquer momento.

* * *

A questão Curda é fonte de preocupações para os países da área que contam com minorias do povo curdo, e também para o Ocidente.

Turquia, Irã, Iraque e Síria são as nações que ocupam partes da grande região denominada Curdistão.

Os curdos pretendem reconstituir sua nação há tantos séculos desmembrada. Essa sua pretensão vem contando com apoio da URSS, estando em Leningrado a sede do movimento. Moscou ainda não se engajou decisivamente no assunto, talvez porque êle ainda não esteja bem amadurecido, e, sem dúvida, porque no presente isso poderia afetar as relações com os árabes, dadas as implicações sobre Síria e Iraque.

Segundo autoridades norte-americanas, a questão curda tem tôdas as características para nos próximos dez anos ser o maior fator explosivo da área.

A reconstituição do Curdistão, sob inspiração do Kremlin, afetaria decisivamente o dispositivo anticomunista no Oriente-Médio. Os atuais líderes do movimento, nos seus pronunciamentos, muito acusam a OTAN e o CENTO de serem contra o povo curdo.



As desavenças que ocorrem no seio do povo árabe contribuem fortemente para intranquilizar a área e por vêzes colocá-la em estado de tensão. Elas decorrem principalmente da luta pela conquista da liderança. Os protagonistas principais dessa corrida por predomínio são atualmente Nasser, Kasim e o rei Hussein, aqui colocados em ordem de possibilidades.

Essa competição é insuflada por nações não localizadas na área, mas que nela têm interesses em jôgo. Nesse aticamento de ambições e vaidades não será impossível encontrar a presença de Israel. A discórdia entre os árabes lhe dá tempo para sua consolidação, e facilita seus sonhos de ampliação de suas fronteiras.



Os problemas dos ocidentais em relação ao Oriente-Médio ficariam agravados em caso de comunização de um dos Estados da área. Evidentemente êsse acontecimento jamais ocorreria num processo normal de modificação no sistema político de um país; o comunismo nunca se impôs dessa forma. Esse fato, sem dúvida, acarretaria séria crise de âmbito mundial. O Oriente-Médio tem muito mais valor para os comunistas e para as democracias do que o Vietnam do Norte, Laos e mesmo Cuba.

O comunismo tem poucas probabilidades de, no momento, se implantar na área sem um auxílio decisivo da URSS. Mas tem condições para a tumultuar, mantê-la instável, e operar com muitas possibilidades favoráveis num caso de guerra mundial.

Ocorre que Moscou vem correndo risco de perda de prestígio, pois, apesar dos auxílios que dá ao Egito e Iraque, êsses países, praticamente, até agora, nenhuma melhoria apresentam em decorrência deles. Os soviéticos fornecem muito material bélico e conselheiros militares, é verdade, o que talvez prove insinceridade da sua propaganda de que luta

para acabar com o subdesenvolvimento no mundo e quer paz. Os seus técnicos e equipamentos têm-se revelado fracos, dadas, talvez, as condições da área. Em tudo isso deve-se porém considerar que as características dos países e dos povos do Oriente-Médio não permitem a obtenção por êles de progresso em curto prazo.

O Ocidente, em geral, se preocupa com a hipótese de que o Irã possa vir mudar a orientação da sua Política Externa, o que é viável, sobretudo em caso de queda do atual Governo. O país tem cerca de 2.500 km de fronteira com a URSS, e muitos iranianos pensam que os ocidentais estão geograficamente muito longe, enquanto o colosso vermelho é realidade vizinha. A concretização dessa hipótese não se dará sem forte e decidida oposição dos ocidentais, sobretudo dos EUA, a despeito de muita gente no Ocidente não entender porque tantos milhões de dólares são continuamente invertidos no Irã pelas Potências democráticas.

*
*
*

O valor estratégico do Oriente-Médio, e a importância dos problemas ali existentes, justificam as atenções que muitas nações dispensam à área, e a competição que ali entre elas se desenvolve. Não são somente as Grandes Potências que assim procedem; são também outros países, os que não querem ser surpreendidos pelos acontecimentos, aqueles que nêles pretendem influir de qualquer forma, e os interessados em tirar algum proveito, inclusive de aspecto comercial, jogando com o atraso da área e suas necessidades. No fundo, todos querem ali ter influência e prestígio, o que produz dividendos de qualquer natureza...

*
*
*

O Oriente-Médio é importante para o Brasil dadas as nossas aspirações de prestígio e situação de relêvo no cenário internacional. Não devemos, por isso, ficar à margem de uma área onde a qualquer momento pode ser jogado o destino da humanidade.

Devemos ainda considerar que, para o êxito das nossas intenções sobre a África, muito úteis poderão ser os conhecimentos e experiência que tivermos no Oriente-Médio, já que algumas nações africanas estão sendo influenciadas por povos daquela área, que até bem pouco tempo também não gozavam de estatuto de independência.

Ainda mais, para bem fazermos face à infiltração comunista no nosso seio, é necessário acompanhá-la em outras áreas, a fim de melhor conhecer as suas modalidades e técnicas; para isso o Oriente-Médio, pela sua significação, e pelo que nesse terreno lá se passa, é importante.

Um ganho de posição de destaque no Oriente-Médio não nos será muito difícil, já que recebemos correntes de imigração árabe e armênia de lá provenientes, daqui saiu grande contingente judeu para Israel, e há já alguns anos lá está o Batalhão Suez, realizando notável trabalho de propaganda.